

A LINGUAGEM CRÍTICA NO ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA ABORDAGEM TRANSFORMADORA PARA A MUDANÇA SOCIAL

ODS 4

Nathalia Lopes Santos (Unitau)

Emari Andrade (Unitau)

Resumo

A pesquisa "A Linguagem Crítica no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira: Uma Abordagem Transformadora para a Mudança Social" propõe uma reflexão sobre a importância de uma abordagem crítica no ensino de inglês, destacando seu potencial como ferramenta de conscientização política e social. A obra insere-se na discussão contemporânea sobre o papel da educação na formação de indivíduos críticos, ressaltando que o ensino de inglês não deve se limitar ao desenvolvimento de habilidades linguísticas, mas deve promover a capacidade dos alunos de questionar e desafiar estruturas sociais desiguais. A metodologia utilizada foi revisão bibliográfica que possibilitou a análise de abordagens teóricas e práticas, destacando as contribuições de pensadores como Paulo Freire e Alastair Pennycook. Freire enfatiza a educação como um diálogo transformador e a importância de formar sujeitos críticos e ativos. No entanto, a implementação de suas ideias enfrenta desafios em sistemas educacionais que priorizam a transmissão técnica do conhecimento. Em contrapartida, a Linguística Aplicada Crítica (LAC) propõe que o ensino de línguas deve abordar as relações de poder e ideologia, capacitando os alunos a utilizarem a língua como um meio de contestação e promoção de mudanças sociais. A pesquisa identifica um crescente interesse por abordagens pedagógicas que reconhecem a autonomia discente e a importância de um ensino que não apenas transmita conteúdo, mas que também promova uma análise crítica da realidade. A utilização de tecnologias, como videoaulas, é analisada sob a perspectiva da crítica à superficialidade dos conteúdos, sugerindo que a educação de línguas deve incorporar discussões sobre justiça social, sustentabilidade e direitos humanos. Essas práticas

pedagógicas críticas têm o potencial de preparar os alunos para serem agentes de mudança em uma sociedade marcada por desigualdades. Em conclusão, a investigação ressalta que a adoção de uma abordagem crítica no ensino de inglês é vital para capacitar os alunos não apenas como falantes proficientes, mas como pensadores críticos. Para que essa transformação ocorra, é necessário um compromisso contínuo com a formação de educadores e a inovação pedagógica, promovendo uma educação que priorize a reflexão e a ação social. A educação de línguas deve ser um espaço de questionamento e transformação, preparando os alunos para utilizarem suas habilidades linguísticas como ferramentas de emancipação e justiça social.

Palavras-chave: linguagem crítica; ensino de inglês; conscientização social; emancipação; pedagogia crítica.

Introdução

No panorama educacional contemporâneo, a discussão sobre o ensino de línguas estrangeiras tem se ampliado para além das habilidades linguísticas, incorporando reflexões sobre o papel da educação na formação crítica dos indivíduos (Pennycook, 2001). Dentro desse contexto, o ensino de Inglês como Língua Estrangeira (ILE) ganha relevância não apenas como meio de comunicação global, mas também como ferramenta para a conscientização política e social. Este trabalho propõe explorar o potencial transformador de uma abordagem crítica no ensino de inglês, investigando seus desafios e perspectivas futuras, com base em uma análise teórico-metodológica.

O objetivo principal desta pesquisa é discutir como a adoção de uma abordagem crítica por parte dos docentes pode transformar o ensino de inglês, capacitando os alunos não apenas como falantes proficientes, mas também como pensadores críticos e agentes de mudança social. Acredita-se que, ao integrar uma perspectiva crítica ao processo de ensino-aprendizagem, é possível promover uma educação que transcenda a mera reprodução de habilidades linguísticas, oferecendo aos alunos uma compreensão mais profunda das estruturas de poder e das questões sociais que permeiam o uso da língua.

No cerne desta reflexão, está a constatação de que, em muitas instâncias educacionais, o ensino de inglês se limita a transmitir conhecimentos técnicos, negligenciando a formação crítica dos alunos. Essa abordagem acrítica perpetua preconceitos e crenças dominantes, consolidando, de forma silenciosa, estruturas sociais desiguais e marginalizadoras. Em contraste, a Linguística Aplicada Crítica (LAC), conforme discutida por Moita-Lopes (2006) e Pennycook (2001, 2006), surge como uma ferramenta teórico-filosófica que desafia essas normas estabelecidas, promovendo rupturas ideológicas necessárias para a emancipação educacional.

A problemática central que orienta esta pesquisa reside na necessidade urgente de romper com abordagens acríticas no ensino de línguas, que, ao se concentrarem unicamente no domínio linguístico, falham em preparar os alunos para pensar criticamente sobre as dinâmicas de poder que permeiam o uso da língua inglesa. Nesse sentido, torna-se imperativo questionar a função da educação que, frequentemente, perpetua desigualdades ao não estimular análises críticas sobre as práticas pedagógicas. As práticas pedagógicas emancipadoras, descritas ao longo deste trabalho, buscam capacitar os discentes a desafiar as estruturas de poder e contribuir para uma sociedade mais justa, inclusiva e, portanto, transformadora.

Nesse diapasão, a justificativa para esta pesquisa está enraizada na premissa de que uma educação transformadora deve ir além do desenvolvimento de competências linguísticas e técnicas. Ela deve promover a formação de cidadãos conscientes, capazes de questionar e reconfigurar as desigualdades que atravessam a sociedade. Ao incentivar uma educação crítica e reflexiva, acredita-se que o ensino de inglês pode ser uma ferramenta poderosa para a emancipação social e a promoção da justiça social.

Revisão da literatura

A Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (2004) fundamenta-se no princípio de que a educação deve ser um processo de conscientização e transformação social, capaz de formar sujeitos críticos e ativos. Freire defende que o processo educativo não deve ser uma transmissão unilateral de conhecimento, mas sim um diálogo entre educadores e educandos, no qual todos se reconhecem como produtores de saber. Esse diálogo visa a despertar a capacidade de refletir criticamente sobre a realidade e atuar nela de forma transformadora, promovendo a libertação das opressões sociais.

Entretanto, a aplicação das ideias freirianas no ensino de línguas estrangeiras levanta desafios. A crítica que se faz à abordagem de Freire no contexto educacional contemporâneo é que, apesar de sua relevância teórica, sua implementação prática pode enfrentar barreiras em sistemas de ensino que ainda privilegiam a transmissão técnica e o foco no domínio instrumental da língua. Há uma lacuna na literatura sobre como os princípios de conscientização crítica podem ser aplicados de maneira eficaz no ensino de inglês em ambientes que exigem resultados objetivos e mensuráveis.

Por outro lado, a Linguística Aplicada Crítica (LAC), conforme proposta por Pennycook (2001), confronta diretamente essas práticas tradicionais, ao enfatizar que o ensino de línguas deve ser muito mais do que uma habilidade técnica. Pennycook argumenta que a educação linguística precisa ser um espaço de questionamento sobre as relações de poder, ideologia e identidade que permeiam o uso de uma língua global como o inglês. Ele desafia a noção de neutralidade no ensino, propondo que os alunos sejam capacitados a entender as implicações sociopolíticas de seu aprendizado, utilizando a língua como ferramenta para contestar opressões e promover mudanças sociais.

No entanto, pouco se discute sobre a viabilidade de transformar essa proposta crítica em práticas pedagógicas cotidianas. Embora Pennycook ofereça uma fundamentação teórica robusta para a crítica às desigualdades nas práticas linguísticas, a literatura ainda carece de estudos empíricos que demonstrem como essa abordagem pode ser integrada a currículos rígidos e a contextos educacionais mais tradicionais.

Duarte (2003), em linha com Pennycook, também aponta para as limitações dos conceitos de competência e habilidade no ensino de línguas, os quais frequentemente reforçam desigualdades e perpetuam sistemas opressores. No entanto, Duarte propõe uma releitura desses termos, sugerindo que a educação pode ser reestruturada de modo a promover uma maior igualdade e justiça social. Seus estudos culturais fornecem uma base teórica para reformular práticas educacionais e desafiar normas estabelecidas.

Dessa forma, é possível concluir que, embora existam propostas robustas e teoricamente embasadas para uma educação crítica e transformadora no ensino de línguas, ainda há lacunas significativas no que diz respeito à implementação prática dessas ideias. A aplicação dos conceitos de Freire, Pennycook e Duarte em contextos

educacionais reais precisa ser mais explorada, a fim de que as práticas pedagógicas possam efetivamente contribuir para a emancipação e transformação social.

Método

A metodologia adotada foi uma revisão bibliográfica, por meio da qual se realizou uma análise das principais abordagens teóricas e práticas no campo do ensino de inglês sob uma perspectiva de linguagem crítica. Essa revisão permitiu identificar desafios e perspectivas na adoção dessa abordagem, com base nas contribuições de autores renomados na área.

Resultados e Discussão

A pesquisa bibliográfica revelou um cenário emergente no ensino de línguas, especialmente no ensino de inglês como língua estrangeira, com ênfase crescente em abordagens pedagógicas críticas e centradas no aluno. Essas abordagens, apoiadas por autores como Paulo Freire (2004) e Pennycook (2001), destacam a importância de reconhecer os alunos como sujeitos ativos no processo de aprendizagem, capazes de refletir criticamente sobre seu contexto social e utilizar o conhecimento adquirido como ferramenta para transformação social. Nesse sentido, a educação deixa de ser um mero instrumento de transmissão de conteúdos para se tornar um processo dialógico, em que o desenvolvimento de uma consciência crítica se torna tão relevante quanto o aprendizado de competências linguísticas.

Um dos pontos mais destacados na literatura é o papel da autonomia discente nesse novo cenário educacional. Freire (2004) argumenta que a educação deve capacitar os alunos a serem protagonistas de suas próprias trajetórias de aprendizado, e essa noção é refletida em várias abordagens contemporâneas de ensino de línguas. Pennycook (2001) reforça essa ideia ao afirmar que o ensino de uma língua, especialmente o inglês, deve ir além do simples desenvolvimento de habilidades técnicas, abordando as implicações sociais e culturais que acompanham o uso da língua. A pedagogia crítica, ao questionar as relações de poder e desigualdades presentes nos contextos educacionais, visa formar cidadãos capazes de compreender seu papel no mundo e utilizar a língua como uma ferramenta de emancipação.

Entretanto, apesar das perspectivas promissoras, a adoção de uma abordagem crítica no ensino de línguas encontra desafios significativos, especialmente no que diz respeito à utilização de recursos tecnológicos, como as videoaulas e plataformas de ensino online. O avanço da tecnologia tem transformado a forma como o conhecimento é transmitido, permitindo um acesso mais amplo a conteúdos educacionais. Contudo, muitos desses recursos ainda apresentam uma abordagem limitada e superficial. Segundo Pennycook (2001) e Duarte (2003), a maioria dos vídeos educacionais disponíveis, especialmente os gratuitos, tendem a focar em aspectos gramaticais e funcionais da língua, negligenciando uma abordagem crítica e reflexiva. Isso reduz o potencial desses recursos para promover uma educação transformadora.

A crítica à superficialidade dos conteúdos oferecidos em videoaulas se baseia na observação de que, ao focar exclusivamente em gramática e vocabulário, esses recursos deixam de lado discussões essenciais sobre as relações de poder e as desigualdades sociais. Freire (2004) defende que o verdadeiro papel da educação não é apenas transmitir conhecimento, mas estimular a análise crítica da realidade. Em um mundo marcado por profundas disparidades sociais, o ensino de línguas precisa capacitar os alunos a utilizarem a língua como um instrumento para questionar estruturas de poder e contribuir para uma sociedade mais equitativa. O uso de videoaulas, portanto, poderia ser otimizado se incorporasse discussões sobre questões como justiça social, sustentabilidade e direitos humanos, permitindo que os alunos desenvolvam uma compreensão mais ampla do papel da língua nos contextos sociais e políticos.

Nesse sentido, autores como Moita-Lopes (2006) e Pennycook (2006) apontam que a inclusão de temas como desigualdade social, sustentabilidade e justiça global no ensino de línguas pode potencializar o desenvolvimento de uma consciência crítica nos alunos. Em vez de apenas ensinar o inglês como uma ferramenta de comunicação funcional, essas abordagens propõem que a língua seja ensinada como um meio para questionar e transformar as realidades sociais. Isso envolve um rompimento com as práticas pedagógicas tradicionais, que frequentemente limitam o aprendizado a aspectos técnicos, ignorando as dimensões sociais e políticas do uso da língua.

Em suma, a pesquisa demonstrou que, embora o uso de tecnologias no ensino de línguas esteja em expansão, há uma necessidade urgente de reavaliar como esses

recursos estão sendo utilizados. Uma abordagem crítica do ensino de inglês, centrada na emancipação e na reflexão, tem o potencial de preparar os alunos para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo de maneira mais engajada e consciente. A partir da revisão bibliográfica, fica claro que, ao promover práticas pedagógicas que incluam discussões sobre justiça social e sustentabilidade, é possível não apenas ensinar uma língua, mas também contribuir para a formação de cidadãos mais críticos e atuantes na sociedade.

Considerações finais

Em conclusão, o potencial da linguagem crítica no ensino de inglês como língua estrangeira é significativo e multifacetado. Ao adotar uma abordagem crítica, os educadores têm a oportunidade de capacitar os alunos não apenas como falantes proficientes de inglês, mas também como pensadores críticos e agentes de mudança. Superar os desafios inerentes à implementação dessa abordagem requer um compromisso contínuo com o desenvolvimento profissional e a inovação pedagógica. Nesse sentido, a formação contínua dos educadores é essencial, pois proporciona as ferramentas necessárias para que eles possam integrar discussões sobre justiça social e diversidade cultural em suas práticas.

Os resultados da pesquisa demonstraram que, ao incorporar uma perspectiva crítica, os educadores podem transformar o aprendizado da língua em um processo mais significativo e reflexivo. O uso de recursos digitais e videoaulas, por exemplo, deve ser orientado para promover uma análise crítica das questões sociais e culturais que permeiam a língua inglesa, permitindo que os alunos desenvolvam uma compreensão mais profunda de seu papel na sociedade. Assim, a educação de línguas não deve se limitar a transmitir conhecimento técnico, mas deve buscar formar cidadãos conscientes e engajados.

À medida que avançamos para o futuro, as perspectivas indicam um movimento em direção a uma educação de línguas estrangeiras mais inclusiva, reflexiva e transformadora. Essa transição exige que educadores, instituições e formuladores de políticas se unam em um esforço coletivo para repensar e reformular as práticas pedagógicas. Um diálogo aberto e colaborativo entre educadores, alunos e a comunidade é fundamental para criar um ambiente educacional que promova a inclusão e a equidade.

Portanto, é imperativo que a educação de línguas estrangeiras se torne um espaço de questionamento e transformação social. Incentivar uma abordagem crítica no ensino de inglês não só prepara os alunos para um mundo interconectado, mas também os capacita a utilizar suas habilidades linguísticas como uma ferramenta para desafiar injustiças e promover mudanças sociais. Ao fazer isso, contribuimos para uma educação mais significativa, onde a língua se torna um veículo para a emancipação e a transformação social.

Referências

- DUARTE, Inês. **A linguística aplicada crítica**: uma introdução. São Paulo: Parábola, 2003
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- PENNYCOOK, Alastair. **Critical Applied Linguistics**: A Critical Introduction. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.